

PROJETO  ESPERANÇA 2014  
-PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO-

# O SALVADOR PROMETIDO

## PALESTRA 3



ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO  
DEPARTAMENTO DOS MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES  
PUBLICADORA SERVIR

# O SALVADOR PROMETIDO

## INTRODUÇÃO

Gostaria de começar a palestra de hoje contando brevemente a história do Padre Maximillian Kolbe, um sacerdote católico que morreu em Auschwitz, o campo de extermínio Nazi, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando o exército alemão invadiu a Polónia em 1939, o Padre Kolbe compreendeu que o seu mosteiro seria apreendido pelas forças de ocupação, pelo que mandou para casa a maioria dos frades. Ajudado por quatro frades que permaneceram com ele, Kolbe usou os recursos do mosteiro para abrigar 3000 refugiados, incluindo entre eles 2000 judeus. Ele foi preso por esse motivo, mas foi posteriormente libertado. No entanto, não se deixou intimidar. Continuou a abrigar os refugiados. Em maio de 1941, os Nazis encerraram o mosteiro e enviaram Kolbe e os seus quatro ajudantes para Auschwitz. Neste campo de concentração, o Padre Kolbe continuou a ajudar os mais fracos. Até que, em julho de 1941, ele fez o sacrifício supremo. Para desencorajar tentativas de fuga, o campo de Auschwitz tinha a seguinte regra: dez homens seriam executados por cada pessoa que conseguisse fugir. Após ter escapado um homem alojado no barracão onde Kolbe dormia, o comandante Karl Fritsch ordenou que todos os homens ali alojados se perfilassem perante ele. Dez homens foram rapidamente escolhidos para serem enviados para o barracão da fome. Um deles, Franciszek Gajowniczek começou a soluçar: “Minha pobre mulher! Meus pobres filhos! O que será deles?” Ao presenciar esta cena, o Padre Kolbe deu um passo à frente, perfilou-se perante o comandante e disse-lhe: “Eu sou um sacerdote católico. Deixe-me tomar o lugar dele. Eu sou velho. Ele tem mulher e filhos.” O comandante ficou estupefacto. “O que quer este porco polaco?”, perguntou ele. O Padre Kolbe apontou para Franciszek e tornou a fazer o seu pedido: “Eu sou um sacerdote católico. Gostaria de tomar o lugar dele, porque ele tem mulher e filhos.” O comandante do campo permaneceu em silêncio durante alguns segundos, mas acabou por aceitar o pedido de Kolbe. Franciszek Gajowniczek voltou para o barracão e o Padre Kolbe tomou o seu lugar entre os condenados à morte. Os dez homens condenados foram levados para o Barracão 13, onde foram deixados sem comida e água até que morressem. Passadas quatro semanas, quatro ainda estavam vivos, entre eles Kolbe. Dado que os Nazis precisavam de vagar o barracão para o encher com mais vítimas, Kolbe e os outros três condenados foram mortos por injeção letal. Assim, a 14 de agosto de 1941, com a idade de 47 anos, o Padre Maximillian Kolbe faleceu, tendo dado a sua vida pela vida de Franciszek Gajowniczek. Este sobreviveu à guerra e viveu até aos 95 anos. Ele nunca esqueceu o sacrifício heroico do Padre Kolbe.

Ao se sacrificar pelo seu próximo, Kolbe seguiu o exemplo do seu Senhor, Jesus Cristo. De facto, Cristo veio a este mundo para entregar a Sua vida pela Humanidade. Ele veio morrer por cada um de nós, para que possamos ter vida eterna. Ao fazê-lo, tornou-se o Salvador do mundo. Mas pode-se perguntar: Como podemos saber que Jesus era realmente o Salvador do mundo? Que credenciais tem Ele para apresentar que provem ser Ele o único agente escolhido por Deus para trazer salvação aos seres humanos? As provas que atestam que Jesus de Nazaré é o Messias destinado por Deus para ser o Salvador da Humanidade encontram-se nas profecias messiânicas. Estas antigas profecias, espalhadas pelo Antigo Testamento, descrevem com detalhe o perfil do Messias, o Cristo, o Ungido de Deus. Estas profecias indicam detalhadamente como seria o nascimento, o ministério, a morte e a ressurreição do Messias.

Assim, hoje iremos estudar algumas destas profecias – apenas as mais importantes – para podermos comprovar que Jesus é, de facto, o Messias de Israel, o Salvador do mundo. Ao assim fazermos, estamos a seguir o exemplo do próprio Jesus e dos Seus discípulos. De facto, nós sabemos que, após a Sua ressurreição, Jesus instruiu os Seus discípulos sobre o modo perfeito como Ele tinha cumprido as profecias messiânicas do Velho Testamento. Sabemos que assim

foi porque o Novo Testamento o refere (Lucas 24:25-27, 44-48). Seguindo o exemplo do seu mestre, os próprios discípulos de Cristo recorriam usualmente às profecias messiânicas para provar aos seus ouvintes que Jesus de Nazaré era, verdadeiramente, o Messias de Israel, o Salvador do mundo. Podemos referir dois exemplos, entre muitos outros. No seu primeiro discurso público, no dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro recorreu à profecia do Salmo 16 para provar que a ressurreição de Jesus estava profetizada como sendo um dos sinais identificadores do verdadeiro Messias (Atos 2:14-36). Também o apóstolo Paulo, no seu discurso realizado na sinagoga da cidade helénica de Antioquia da Pisídia, recorreu às profecias messiânicas para provar aos seus ouvintes que Jesus era o Messias prometido pelos profetas de Israel (Atos 13:17-41). Deste modo, nós vamos seguir o exemplo dos discípulos de Jesus e vamos passar em revista algumas das principais profecias messiânicas, procurando ver em que medida Cristo realizou na Sua vida o que estava profetizado sobre o Messias que haveria de vir ao mundo para salvar a Humanidade. Começaremos pelas profecias mais importantes referentes ao nascimento e ao ministério do Messias.

### O NASCIMENTO E O MINISTÉRIO DO SALVADOR

A primeira profecia messiânica é tão antiga quanto o mundo. Após Adão e Eva terem pecado e perdido o direito à vida eterna, Deus trouxe-lhes esperança sob a forma de uma concisa profecia. Dirigindo-se a Satanás, representado pela serpente tentadora, Deus afirmou:

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: *ele te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Génesis 3:15 ARC).

Esta profecia é conhecida pelos teólogos como sendo o “Protoevangelho”. Porquê? Porque nela é anunciado pela primeira vez ao homem a vinda do Messias para salvar a Humanidade. De facto, a profecia afirma que Eva teria um descendente masculino – a “semente” – que viria esmagar a cabeça da serpente. É interessante constatar que, no texto Hebreu, é usado o pronome masculino singular (“ele”) para designar a “semente” da mulher que esmagaria a cabeça da serpente. Esta “semente” seria um homem bem determinado que viria no futuro. Sabemos também que a “serpente” representa Satanás, pois foi este que a usou como médium para tentar Eva. Portanto, o futuro descendente masculino de Eva viria para aniquilar Satanás, pondo um fim ao seu reino sobre a Terra. A cabeça de Satanás seria esmagada, isto é, ele seria destruído. Mas o descendente da mulher também seria “ferido no calcanhar” ao derrotar Satanás, isto é, também sofreria um dano. No entanto, este dano não o destruiria.

Esta profecia foi cumprida por Jesus. Pela Sua morte na cruz, Jesus venceu o poder de Satanás, arrebatou-lhe a posse legal do planeta Terra e condenou-o à morte eterna. Agora é apenas uma questão de tempo até que Jesus tome posse deste planeta. Quando isto acontecer, no fim dos tempos, Satanás será destruído. No entanto, Jesus teve que sofrer a morte de cruz para esmagar a cabeça da serpente. Ele foi assim “ferido no calcanhar”. Mas esta ferida não o aniquilou, pois Ele ressuscitou ao terceiro dia de entre os mortos e está vivo para sempre.

A segunda profecia messiânica que vamos ponderar foi pronunciada pelo patriarca Jacob, cerca de 1660 anos antes do nascimento de Cristo. Depois de reunir à sua volta os seus doze filhos, Jacob fez a seguinte profecia:

“Jacob chamou os seus filhos e disse: ‘Reuni-vos, eu vos anunciarei o que vos acontecerá nos tempos vindouros. (...). *O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre os seus pés, até que venha Shilo e que lhe obedeçam os povos*’” (Génesis 49:1, 10 BJ).

Judá era o filho de Jacob que se tornou o ancestral dos judeus. *Shilo* – “aquele que dá a paz” – é um dos nomes do Messias vindouro. Portanto, segundo Jacob, o Messias deveria nascer da tribo de Judá, isto é, seria judeu. A referência ao “cetro” ou ao “bastão de comando” de Judá significa que o Messias deveria nascer antes de que Judá perdesse toda a sua autonomia política. Isto significa que deveria haver ainda um rei autóctone governando os judeus e o território da Judeia

quando o Messias aí nascesse. Cumpriu Jesus esta profecia? Sabemos pelas genealogias de Jesus (Mateus 1 e Lucas 3) que Ele era descendente direto de Judá. Também é interessante notar que, quando Jesus nasceu, Herodes, o Grande, reinava sobre a Judeia (Mateus 2:1-18). Assim, embora esta nação já tivesse sido incluída no Império Romano, ela conservava ainda a sua autonomia política. Depois da morte de Herodes, essa autonomia perdeu-se, pois a Judeia passou a ser governada por um Procurador romano. É interessante notar que Herodes morreu cerca de um ano depois do nascimento de Jesus. Assim, podemos dizer que Jesus nasceu exatamente a tempo.

A profecia que vamos considerar em seguida indica a linhagem familiar a que pertenceria o Messias. Ela foi pronunciada pelo profeta Isaías, cerca de 700 anos antes do nascimento de Cristo. Eis o que Isaías nos diz:

*“Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: No temor de Iahweh estará a sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra”* (Isaías 11:1-4 BJ).

O Messias é aqui designado sob a figura poética do “ramo” ou do “rebento” que deveria surgir do tronco de Jessé. Este Jessé é o pai do rei David (I Samuel 17:12). Portanto, o que Isaías nos está a dizer é que o futuro Messias seria descendente em linha direta de David, o rei de Israel. Isto significa que o Messias seria da linhagem real de Judá. Esta profecia foi confirmada pelo profeta Jeremias, cerca de 625 anos antes do nascimento de Cristo, quando ele disse:

*“Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que suscitarei a David um germe justo; um rei reinará e agirá com inteligência e exercerá na terra o direito e a justiça. Em seus dias, Judá será salvo e Israel habitará em segurança. Este é o nome com que o chamarão: ‘Iahweh nossa justiça’”* (Jeremias 23:5 e 6 BJ).

O Messias é referido nesta profecia sob a imagem do “germe justo”. Também é dito que Ele seria suscitado da descendência de David, o rei de Israel. Note-se que o nome que seria dado ao Messias seria “Iahweh nossa justiça”. Isto significa que o Salvador seria o portador da justiça para o povo de Deus e também que Ele seria identificado com o próprio Iahweh, o Deus de Israel. Embora fosse um descendente de David, o Messias seria mais do que humano. Teria direito a ser chamado pelo nome do próprio Deus.

Como nos mostram as duas genealogias de Jesus (Mateus 1 e Lucas 3), Ele pertencia à linhagem de David tanto por parte do Seu pai adotivo, José, como por parte da Sua Mãe, Maria. Dado que a Sua linhagem era conhecida pelo povo, Jesus era frequentemente designado pelo título “Filho de David” (Lucas 18:38 e 39; Mateus 21: 9, 15). Caso esta designação não fosse confirmada pela genealogia de Jesus, os chefes dos judeus teriam chamado a atenção para esse facto para refutarem a pretensão que Jesus tinha de ser o Messias. Ora, eles nunca o fizeram. Também é interessante constatar que Jesus reclamou para Si, mais do que uma vez, uma identidade divina. Referindo-se a Deus, Ele afirmou “Eu e o Pai somos um” e “Quem Me vê a Mim, vê o Pai” (João 10:30; 14:9; cf. João 5:18).

A profecia seguinte foi pronunciada pelo profeta Miquéias, cerca de 720 anos antes do nascimento de Cristo. Ela indica o local de nascimento do Messias vindouro.

*“E tu, Bethleém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Portanto, os entregará, até ao tempo em que a que está de parto tiver dado à luz: então o resto dos seus irmãos voltará, com os filhos de Israel. E ele permanecerá e apascentará o povo, na força do Senhor, seu Deus: e eles permanecerão, porque agora ele será engrandecido, até aos fins da terra”* (Miquéias 5:2-4 ARC).

Bethleém Efrata era a aldeia em que havia nascido o Rei David e pertencia ao clã efrateu, o clã de que fazia parte a família de Jessé (I Samuel 17:12). Segundo esta profecia, o Messias nasceria

em Bethleém, situada a dez quilómetros ao sul de Jerusalém. Também é interessante notar que a descrição que Miquéias faz do Messias aponta para a natureza divina deste. Ele seria “Senhor em Israel” e existiria “desde os dias da eternidade”, isto é, seria tão eterno como Deus.

Jesus cumpriu esta profecia. Apesar dos Seus pais residirem em Nazaré, na Galileia, Ele nasceu exatamente em Bethleém Efrata (Lucas 2:1-8; Mateus 2:1 e 2). Como já dissemos acima, Jesus reivindicou para Si a posse da natureza divina, declarando ser “Filho de Deus” e afirmando estar em perfeita união essencial com Deus.

O profeta Isaías veio confirmar profeticamente a natureza divina do Messias vindouro, cerca de 700 anos antes do nascimento de Cristo. Ele afirmou:

*“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz. Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de David e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto”* (Isaías 9:6-7 ARC).

Nesta profecia, Isaías afirma claramente que o menino que nasceria para ser o Messias de Israel, tendo o principado sobre os Seus ombros enquanto descendente de David, seria chamado “Deus forte” e “Pai da eternidade”. Mais uma vez é afirmada a natureza divina do vindouro Salvador da Humanidade. Como vimos atrás, Jesus reclamou para Si o cumprimento desta profecia, ao afirmar ter uma natureza idêntica à natureza do próprio Deus.

O profeta Isaías também descreveu a missão do Messias que haveria de vir, bem como o futuro sucesso do Seu ministério. Ele escreveu o seguinte:

*“Ilhas, ouvi-me! Povos distantes, prestai atenção! Desde o seio materno Iahweh me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome. De minha boca fez uma espada cortante, abrigou-me na sombra da Sua mão; fez de mim uma seta afiada, escondeu-me na Sua aljava. Disse-me: ‘Tu és Meu servo, e Israel em quem Me gloriarei’. Mas eu disse: ‘Foi em vão que me fatiguei, debalde, inutilmente, gastei as minhas forças.’ E no entanto o meu direito está com Iahweh, o meu salário está com o meu Deus. Mas agora disse Iahweh, aquele que me modelou desde o ventre materno para ser Seu servo, para reconduzir Jacob a Ele, para que a Ele se reúna Israel; assim serei glorificado aos olhos de Iahweh, meu Deus será a minha força! Sim, Ele disse: ‘Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurares as tribos de Jacob e reconduzires os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a Minha salvação chegue até às extremidades da terra.’ Assim, diz Iahweh, o redentor de Israel, o seu Santo, àquele cuja alma é desprezada, vilipendiada pela nação, ao servo dos tiranos: reis o verão e se erguerão, príncipes o verão e se prostrarão, por causa de Iahweh, que é fiel, do Santo de Israel, que te escolheu”* (Isaías 49:1-7 BJ).

Este texto aponta para o facto de que o Messias seria chamado por Deus “desde o seio materno”. Ele nasceria propositadamente para desempenhar a sua missão de Salvador da Humanidade. É de notar que Isaías coloca na boca do Servo de Iahweh uma expressão de desalento. Aparentemente o Seu ministério entre o povo de Israel não deu frutos. No entanto, o próprio Deus diz ao Seu Servo que o seu ministério não somente terá sucesso entre “os sobrevivente de Israel”, como ele será o meio de levar a salvação de Deus a todas as nações “até às extremidades da Terra”. A vida do Messias não abençoará apenas a nação judaica, mas ela será também a “luz das nações”. Por fim, o profeta afirma que, apesar do Messias ser desprezado pela sua nação, após o termo do seu ministério os reis e os príncipes dos reinos da Terra iriam reverenciá-lo. Podemos perguntar: Realizou-se esta profecia na vida de Jesus de Nazaré?

Segundo os Evangelhos, Jesus foi gerado no seio da Sua virgem mãe pelo Espírito Santo, tendo em vista o desempenho da missão que Lhe fora atribuída por Deus: Salvar o povo dos seus pecados (Mateus 1:20-25; Lucas 1:26-35). Aparentemente, o ministério de Jesus entre o povo judeu não foi bem sucedido. Ele foi de tal forma rejeitado pelos líderes judeus, que acabou por ser condenado à morte por eles (Mateus 26:57-66; Marcos 14:53-64; Lucas 22:63-71; João 18:12,



19-24). No entanto, sabemos que, após a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus, o Evangelho foi aceite por muitos judeus (Atos 2:41; 4:4; 5:14) e, com o passar dos séculos, espalhou-se por todas as nações da Terra. Hoje o Cristianismo é a religião com mais adeptos no mundo. Não há dúvida que Jesus Se tornou a “luz das nações”. Finalmente, o detalhe que termina a profecia também se cumpriu. Os reis e os príncipes das nações que adotaram o Cristianismo têm, desde então, reverenciado a figura de Jesus, colocando-se submissamente entre os Seus discípulos.

## **A MORTE VIOLENTA E A RESSURREIÇÃO DO SALVADOR**

Vamos agora ver brevemente as profecias mais importantes que vaticinavam a morte e a ressurreição do Messias. A primeira procede também da pena inspirada de Isaías.

“O Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã Ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que ouça como os discípulos. O Senhor Iahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei. *Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não oculte o rosto às injúrias e aos escarros.* O Senhor Iahweh virá em meu socorro, eis porque não me sinto humilhado, *eis porque fiz do meu rosto uma pederneira e tenho a certeza de que não ficarei confundido.* Perto está aquele que defende a minha causa. Quem ousará mover ação contra mim? Compareçamos juntos! Quem é meu adversário? Ele que se apresente! É o Senhor Iahweh que me socorrerá, quem será aquele que me condenará? Certamente todos eles se desgastarão como uma veste: a traça os devorará.” (Isaías 50:4-9 BJ)

Esta profecia põe em destaque a perfeita obediência do Messias enquanto discípulo do próprio Deus. Ela evidencia também o sofrimento físico que o Messias teria de passar durante o Seu julgamento: O dorso ferido pelo chicote, as bofetadas na face, as injúrias e os escarros. Em resposta, o Messias manter-Se-ia resoluto no cumprimento da Sua missão, pois faria do Seu “rosto uma pederneira”. Em todo este sofrimento, o Messias seria sustentado por Deus e seria por este considerado inocente.

Jesus viveu esta experiência. Ele foi o perfeito discípulo de Deus. Ele teve também que passar pelas humilhações físicas acima descritas. Ele foi açoitado pelos soldados romanos (Marcos 15:15). Ele foi espancado, cuspidos e injuriado pelos servidores do Sumo-Sacerdote e pelos soldados de Pilatos (Marcos 14:65; Marcos 15:18-20). No entanto, Ele manteve a calma e uma perfeita determinação, ficando em silêncio perante os Seus acusadores e torturadores (Mateus 26:62 e 63; 27:11 e 12; Marcos 15:3 e 4).

Passemos agora à profecia que descreve pormenorizadamente o tipo de morte que o Messias deveria sofrer. Esta profecia foi escrita pelo rei David, 1000 anos antes do nascimento de Cristo, e descreve o modo violento como morreria o Salvador. Ela diz o seguinte:

“*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas das palavras do meu bramido, e não me auxilias? (...).* Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo. *Todos os que me veem zombam de mim, estendem os beiços e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer.* Mas Tu és o que me tiraste do ventre: o que me preservaste, estando ainda aos seios de minha mãe. Sobre Ti fui lançado desde a madre; Tu és o meu Deus desde o ventre de minha mãe. Não te alongues de mim, pois a angústia está perto, e não há quem ajude. (...). *Como a água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar, e me puseste no pó da morte. Pois me rodearam cães: o ajuntamento de malfeitores me cercou, trespassaram-me as mãos e os pés. Poderia contar todos os meus ossos: eles veem e me contemplam. Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica*” (Salmo 22:1, 6-11, 14-18 ARC).

Quando David escreveu este salmo, a execução por crucificação ainda não tinha sido inventada. No entanto, uma leitura atenta do texto permite compreender que é precisamente

uma execução por crucificação que é nele descrita. Ela é descrita do ponto de vista do próprio crucificado. O Messias sente-Se desamparado por Deus. Ele encontra-Se rodeado por homens que zombam d'Ele, por palavras e por gestos. Os Seus ossos estão como que desconjuntados e o Seu coração está prestes a desfalecer. A sede é de tal forma intensa que a língua se cola à boca. Está rodeado de “cães” – isto é, de homens que não são judeus – e de “malfeitores” da Sua nação. Estes “trespassaram-Lhe as mãos e os pés”. Este detalhe aponta para a crucificação com cravos como método de execução. Os ossos do Messias estão como que postos em relevo, de tal modo que Ele os pode contar. Finalmente, os executores repartem as vestes do condenado e lançam sortes sobre a Sua túnica. Eis a pergunta que se impõe: Esta profecia cumpriu-se na execução de Jesus?

A resposta é clara. A terrível experiência profetizada por David foi vivida por Jesus durante a Sua Paixão. Os relatos dos quatro Evangelhos dão-nos efetivamente uma visão clara do cumprimento da profecia na vida de Jesus. O próprio Cristo nos indicou que a Sua morte sobre a cruz cumpria a profecia do salmo de David, ao citar na cruz o seu primeiro versículo: “Meu Deus, Meu Deus, porque me desamparaste?” (Mateus 27:46; Marcos 15:34). Na Sua crucificação Jesus foi rodeado pelos Seus inimigos. Estes inimigos eram homens poderosos, pertencentes ao Sinédrio. Mateus diz-nos que “os príncipes dos sacerdotes, com os escribas e anciãos e fariseus, escarnecendo, diziam: Salvou os outros e a Si mesmo não pode salvar-Se.” (Mateus 27:41 e 42; cf. Marcos 15:31; Lucas 23:35). Foi pela influência e pela ação destes homens que Jesus foi crucificado. A experiência física da crucificação descrita pelo salmo é também exata. Na posição física do crucificado os ossos são como que colocados em relevo. A morte sobrevem frequentemente pelo colapso do coração do crucificado, sobrecarregado pelo esforço extraordinário exigido pela posição física do condenado sobre a cruz. Esta foi certamente a causa da morte de Jesus. Jesus também sentiu uma sede intensa. João diz-nos que “sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura de cumprisse, disse: Tenho sede.” (João 19:28). Jesus foi cercado não somente pelos Seus poderosos inimigos, mas também pelos Seus executores. Estes retiraram-Lhe as Suas vestes e O prenderam ao madeiro da cruz pela perfuração dos pés e das mãos com cravos. Lucas diz-nos que “quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali O crucificaram” (Lucas 23:33). Enquanto Jesus esteve sobre a cruz, Ele foi colocado como espetáculo para toda a multidão que veio assistir à Sua crucificação. Mateus diz-nos que “os que passavam blasfemavam d'Ele, meneando as cabeças” (Mateus 27:39; Marcos 15:29). Quando desnudaram Jesus, os soldados romanos partilharam entre si as Suas roupas. João diz-nos que “tendo, pois, os soldados crucificado Jesus, tomaram os Seus vestidos e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será.” (João 19:23-24; cf. Mateus 27:35; Marcos 15:24; Lucas 23:34). Assim, na Sua morte, Jesus cumpriu perfeitamente a profecia messiânica apresentada pelo salmo 22.

A profecia seguinte provém igualmente do profeta Isaías e descreve não apenas a morte violenta do Messias, mas também aponta para o significado salvífico dessa morte. Será este aspeto da profecia que iremos destacar.

“Quem creu naquilo que ouvimos e a quem se revelou o braço de Iahweh? Ele cresceu diante dele como um renovo, como raiz que brota de uma terra seca; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso algum dele. *E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava.* Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas *Iahweh fez*

*cair sobre ele a iniquidade de todos nós.* Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos, quem se preocupou com o facto de ele ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos, se bem que não tivesse praticado violência nem tivesse havido engano em sua boca. Mas Iahweh quis feri-lo, submetê-lo à enfermidade. *Mas, se ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado, certamente verá uma descendência, prolongará os seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar.* Após o trabalho fatigante da sua alma ele verá a luz e se fartará. *Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões.* Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade *levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão*” (Isaías 53:1-12 BJ).

Esta profecia é importante porque ela aponta não apenas para a morte violenta do Messias, mas também para o seu significado. O Messias viria morrer para expiar as transgressões da Humanidade, ao sofrer a pena de morte em nosso lugar. Ao oferecer a Sua vida como sacrifício pelo pecado de todos os seres humanos, o Messias poderia oferecer a paz de Deus e a cura espiritual a cada ser humano que aceite a Sua morte substituinte. Tendo sido o sacrifício pelos pecados humanos, Ele “justificará a muitos”, fazendo intercessão pelos pecadores. Deste modo, graças a Ele o “desígnio de Deus há de triunfar”. Que desígnio é este? É o cumprimento da promessa de salvação da raça humana que foi feita por Deus a Adão e Eva após a sua queda no pecado, a promessa que começámos por estudar esta noite e a que chamámos o “Protoevangelho”.

Resta-nos espaço para vermos apenas uma última profecia. É uma profecia decisiva, escrita por David cerca de mil anos antes do nascimento de Cristo. Ela diz o seguinte:

“Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim: por isso, que Ele está à minha mão direita, nunca vacilarei. Portanto, está alegre o meu coração e se regozija a minha glória: *também a minha carne repousará segura. Pois não deixarás a minha alma na sepultura, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há abundância de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpetuamente*” (Salmo 16:8-11 ARC).

Neste salmo David fala profeticamente do sepultamento e da ressurreição do Messias. Falando na primeira pessoa, o Messias expõe a Sua convicção de que não ficaria preso na sepultura, nem o Seu corpo sofreria a decomposição da morte. Pelo contrário, Deus far-lhe-ia ver “a vereda da vida”. A Sua morte não seria definitiva. Seria vencida por uma gloriosa ressurreição.

Toda a fé cristã centra-se nesta promessa divina. Segundo os testemunhos unânimes dos Seus primeiros discípulos, Jesus não foi vencido pela morte. Ele ressuscitou e saiu da sepultura, obtendo a vitória sobre a morte (Mateus 28:1-7). O apóstolo Pedro, falando no dia de Pentecostes em nome de todos os discípulos, testemunhou publicamente sobre a ressurreição do seu Mestre: “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas” (Atos 2:32).

## CONCLUSÃO

Um professor de física que lecionava no Westmont College calculou a probabilidade matemática de apenas oito profecias messiânicas se cumprirem numa só pessoa até à presente data. Segundo ele, a probabilidade é de uma possibilidade em 10 elevado à 17ª potência ( $10^{17}$ ). Este número escreve-se com um 1 seguido de 17 zeros! É um número tão grande que não temos nome para ele e é mesmo difícil de apreender. Para que o possamos compreender, imaginemos que todo o mundo está coberto por azulejos de cerâmica brancos, cada um com cinco centímetros de lado. Um destes azulejos, e apenas um, tem a sua face interior pintada de vermelho. Pois bem, podia permitir-se que uma pessoa passasse toda a sua vida a percorrer a Terra para escolher apenas um único azulejo. Tendo escolhido um azulejo, ele poderia recolhe-lo da superfície da Terra.



Qual seria a probabilidade dessa pessoa acertar à primeira no único azulejo com a face interior pintada de vermelho? A probabilidade seria de 10 elevado à 17ª potência. É esta a probabilidade de uma só pessoa cumprir por acaso apenas oito profecias messiânicas! No entanto, vimos hoje que Jesus de Nazaré cumpriu no Seu nascimento, ministério, morte e ressurreição muito mais do que apenas oito profecias messiânicas. E Ele não cumpriu apenas as que estudamos hoje. Cumpriu ainda muitas outras, que não tivemos tempo de abordar.

Jesus é, sem dúvida, o Messias de Israel. Ele é o Salvador do mundo. Como vamos nós responder à descoberta que fizemos aqui hoje? Contemplando o Messias pendurado na cruz, morto pelos nossos pecados, que resposta Lhe daremos? Ele pede-nos algo muito simples. Ele quer que O aceitemos como nosso Mestre e Senhor, como nosso Messias e Salvador. Pois só assim poderemos vencer a morte e o Mal e herdar com Ele a vida eterna. Amigo, escolha hoje aceitar Jesus como seu Salvador pessoal. Aceite o sacrifício d'Ele por si! A sua vida ganhará um novo significado a partir de hoje, se fizer de Jesus o seu Senhor e Mestre.